

~~Dívida~~^{externa} proposta brasileira não agrada os credores.

JORNAL DA TARDE

13 OUT 1990

PAULO SOTERO, DE WASHINGTON

Há fortes indícios de que a proposta de negociação da dívida apresentada pelo Brasil (veja matéria ao lado) tenha sido mal recebida pelos bancos credores. A evidência principal ficou por conta do silêncio mantido pelos banqueiros durante todo o dia de ontem. O representante de um banco japonês, presente à reunião do Comitê de Bancos, confidenciou que, na forma como foi apresentada, a proposta dificilmente seria aceita como base para uma negociação. Tudo indica, contudo, que a reação não foi unânime e poderá variar dependendo da nacionalidade do banco.

No início da noite, os banqueiros chamaram a equipe brasileira de negociação, chefiada pelo secretário nacional de Política Econômica, Antônio Kandir, para uma reunião. Ao sair, Kandir disse que não poderia dizer se a proposta seria aceita ou rejeitada pelos bancos, pois "alguns princípios não foram rejeitados e a reação dos bancos era previsível".

Tanto entre os bancos quanto na área oficial, o plano foi recebido com grande perplexidade. Uma fonte do governo americano notou que o plano de renegociação brasileiro é inovador e disse que "sem querer julgar se ele é bom ou ruim, o fato é que coisas inovadoras geralmente demoram mais tempos para serem executadas."

Plano Brady

Nos organismos financeiros internacionais, causou estranheza o fato de a proposta partir de pressupostos que não levam em consideração os progressos feitos pelo México, Venezuela e outros países latino-americanos na negociação da dívida sob o Plano Brady. A julgar pela reação de alguns executivos financeiros que tiveram conhecimento do plano, os bancos dificilmente aceitaram os critérios utilizados pelo governo brasileiro para definir a sua capacidade de pagamentos externos. "O Brasil é o país que produz o maior superávit comercial nas Américas e está, por isso, numa situação mais

confortável do que todos os outros, como México e Venezuela, para honrar os seus compromissos", disse um executivo.

Mais reservas

Essa declaração sugere um dos problemas que mais atrapalha o projeto brasileiro. Se aceito, ele criaria um precedente que exigiria a extensão do benefício concedido ao Brasil aos demais países devedores. Isso porque o Brasil propõe o não pagamento de juros por um longo período. "Os bancos norte-americanos não têm nenhuma razão para entrar nesse jogo com o Brasil porque não receberão praticamente nenhum pagamento de juros", afirmou um executivo de um grande banco de Nova York.

Ele acrescentou que a proposta brasileira torna certa uma nova reclassificação dos ativos brasileiros dos bancos norte-americanos em dezembro. Isso obrigará os bancos a aumentar suas reservas específicas contra o risco brasileiro de 20% para 40% do total dos ativos.